

“OLÁ, LENIN!”: APLICANDO O CONCEITO DE IMPERIALISMO À GUERRA NA UCRÂNIA

Valdir da Silva Bezerra¹



<http://lattes.cnpq.br/9076132153456215>



<https://orcid.org/0000-0001-6488-478X>

Resumo

O presente artigo visa aplicar o conceito de Imperialismo, conforme elaborado por Vladimir Lenin no começo do século XX, ao conflito na Ucrânia. Por meio da análise aqui proposta, pretende-se demonstrar a adequação da teoria leninista para a compreensão de fenômenos contemporâneos importantes, adotando-se, para isso, a perspectiva materialista do Estado enquanto ‘indutor’ do processo de acumulação capitalista. A metodologia empregada no trabalho é ao mesmo tempo qualitativa e quantitativa, utilizando a coleta e interpretação de dados abertos sobre as empresas que constituem o chamado Complexo Militar Industrial (CMI) americano e sua relação com a expansão da OTAN no pós-Guerra Fria. Para além disso, também foram coletados dados sobre a participação dos Estados Unidos no mercado energético europeu antes e após a eclosão do conflito na Ucrânia em fevereiro de 2022, destacando-se o aumento das exportações americanas de Gás Natural Liquefeito (GNL) para a Europa. Como resultado, conclui-se que a guerra na Ucrânia pode sim ser interpretada à luz da tese leninista de Imperialismo, o estágio superior do capitalismo.

Palavras-chave: Lenin; Imperialismo; Geopolítica; Política Externa Americana; OTAN

“HELLO, LENIN!”: APPLYING THE CONCEPT OF IMPERIALISM TO THE WAR IN UKRAINE

Abstract

This article aims to apply the concept of Imperialism, as developed by Vladimir Lenin in the early 20th century, to the conflict in Ukraine. Through the analysis proposed here, we aim to demonstrate the adequacy of Leninist theory for understanding important contemporary phenomena, adopting, for this purpose, the materialist perspective of the state as a ‘driver’ of the process of capitalist accumulation. The methodology employed is both qualitative and quantitative, utilizing the collection and interpretation of open data on the companies that constitute the so-called American Military-Industrial Complex (MIC) and their relationship with NATO expansion in the post-Cold War era. Furthermore, data were also collected on the United States’ participation in the European energy market before and after the outbreak of the conflict in Ukraine in February 2022, highlighting the increase in American exports of Liquefied Natural Gas (LNG) to Europe. As a result, we conclude that the war in Ukraine can indeed be interpreted in light of the Leninist thesis of Imperialism, the highest stage of capitalism.

Keywords: Lenin; Imperialism; Geopolitics; American Foreign Policy; NATO

¹ Mestre em Relações Internacionais pela Universidade Estatal de São Petersburgo (Rússia), onde defendi dissertação sobre o posicionamento do Brasil e da Rússia no contexto dos BRICS. Possuo graduação como Bacharel em Relações Internacionais pelas Faculdades Integradas Rio Branco (FIRB). E-mail: sb1.valdir@gmail.com

Introdução

Em 2003, foi lançado na Alemanha o filme *Good Bye, Lenin!* ('Adeus, Lenin!' em tradução literal). Dirigido por Wolfgang Becker, a obra mistura elementos de drama e comédia, além de uma forte carga política pelo fato de se passar logo antes e logo depois da queda do Muro de Berlim. O filme em si retrata de forma singular e emocional os efeitos da reunificação alemã, contada a partir da ótica de uma família comum da antiga Alemanha Oriental. Combinando crítica social, nostalgia e afeto, a obra se destacou em vários circuitos cinematográficos enquanto representação sensível das muitas transformações históricas que marcaram o final da Guerra Fria.

Sobre esse período, aliás, é preciso dizer que o término da Guerra Fria envolveu não somente mudanças do ponto de vista histórico e estrutural para muitos países, mas também para o próprio estudo das Relações Internacionais. A priori, o colapso da União Soviética fez com que o marxismo clássico fosse submetido à uma ferrenha revisão por parte da academia, perdendo espaço para seus dois principais rivais intelectuais, o liberalismo e o realismo. Não porque o Estado tivesse deixado de representar o principal objeto de análise das Relações Internacionais, algo com o qual as três escolas acima citadas concordam. Mas sim porque o Estado já não era mais visto, pelo menos por parte da academia ocidental, como “um comitê para gerir os negócios comuns de toda a classe burguesa” (MARX & ENGELS, 2012, p.23). Ora, não só o marxismo clássico enxergava o Estado e suas instituições como ferramentas úteis nas mãos de grupos de interesse específicos, como também o enxergava como indutor do processo capitalista de acumulação material, sobretudo por meio da violência (LENIN, 2011). Sobre este último ponto, é preciso dar crédito justamente à contribuição de Lenin através de sua obra *O Imperialismo, Fase Superior do Capitalismo*, escrita entre 1916 e 1917.

O presente artigo, por sua vez, pretende responder à seguinte pergunta de pesquisa: como o marxismo clássico, por meio do conceito de Imperialismo elaborado por Lenin, pode ser aplicado para se entender a guerra na Ucrânia? Com o intuito de responder à questão assim posta, adotaremos uma metodologia ao mesmo tempo qualitativa e quantitativa, coletando, analisando e interpretando dados abertos sobre como o **Complexo Militar Industrial (CMI)** americano se beneficiou da expansão da OTAN no pós Guerra Fria, bem como sobre a participação dos Estados Unidos no mercado energético europeu antes e após a eclosão do conflito em 2022. O enfoque de abordagem selecionado, portanto, parte de uma perspectiva materialista para a compreensão do conflito, sem com isso desqualificar outras perspectivas que possam ser aplicadas para o entendimento dos processos que levaram à guerra na Ucrânia. Dito isto, o texto será composto de 4 partes, sendo elas: I) breve exposição da ascensão e queda da União Soviética, cujas consequências tiveram peso inescapável na crise envolvendo a Rússia e o Ocidente; II) breve exposição sobre como a guerra serve de catalisadora do processo de acumulação capitalista, segundo a tese de Lenin; III) análise sobre como a expansão da **Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN)** ao longo dos anos 2000 beneficiou o CMI norte-americano; e (IV) histórico da participação dos Estados Unidos no cenário energético europeu pré e pós-conflito na Ucrânia.

‘Um breve século XX’: a ascensão e queda da União Soviética

A 1ª Guerra Mundial (1914-1918) foi vista por Lenin (2011, p.63) como um evento que acirrou “todas as contradições do capitalismo, amadurecendo a possibilidade e a necessidade de sua superação”. Em suma, a guerra criou as condições subjetivas para a revolução socialista na Rússia ocorrida em outubro de 1917, por expor a natureza do sistema de pilhagem capitalista e a hipocrisia das classes dominantes do Ocidente, que usaram o conflito para auferir lucros monopolistas. Diante desse contexto, Lenin (2011) argumentou que a revolução russa estreitou a solidariedade das classes operárias nacionais, unindo-as sob a bandeira do socialismo e da abolição das estruturas capitalistas dominantes. Para além disso, a 1ª Grande Guerra demonstrou a impossibilidade de reforma do sistema capitalista, incompatível com a democracia real e com a autodeterminação dos povos.

Afinal, Lenin (1977) dizia que “a democracia proletária é um milhão de vezes mais democrática que qualquer democracia burguesa”, justamente por representar a voz do povo e não dos interesses de alguns poucos grupos privados específicos. Não por acaso, a Revolução Russa de 1917 acabou espalhando-se para a Ucrânia, Belarus e Cáucaso, culminando na formação da **União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS)** em 1922². Nas décadas de 1920 e 1930, por sua vez, a URSS aumentou ainda mais de tamanho, com a adição das repúblicas centro-asiáticas, a saber: Cazaquistão, Quirguistão, Tadjiquistão, Turcomenistão e Uzbequistão. Anos depois, com o fim da Segunda Guerra Mundial, vários países da Europa Central e Oriental tornaram-se membros do bloco socialista, sendo eles: Polônia, Alemanha Oriental, Checoslováquia, Hungria, Romênia, Bulgária e Albânia. Em 1949, por fim, foi a vez da China concluir seu processo revolucionário, com a vitória dos comunistas liderados por Mao Zedong na guerra civil chinesa. Todos esses eventos inspiraram uma onda de fervor revolucionário ao redor do mundo, baseados nas ideias marxistas de crítica ao capitalismo, oposição ao colonialismo ocidental e combate às desigualdades sociais entre os Estados, pautas que foram adotadas de forma bastante contundente por movimentos autonomistas nacionais.

Contudo, a década de 1980 traria sérios desafios ao bloco socialista liderado por Moscou e aos movimentos autonomistas em diversas regiões do globo. Isso porque a eleição de Ronald Reagan nos Estados Unidos e de Margaret Thatcher no Reino Unido deram início à mais acirrada contraofensiva capitalista contra os ideais do marxismo. Reagan e Thatcher chefiaram políticas de desregulamentação dos mercados, privatização em massa e forte antissindicalismo, remodelando assim a economia do bloco capitalista. Para além disso, os Estados Unidos impuseram uma séria pressão ao governo soviético, em especial devido ao aumento nos gastos militares americanos. Diante desse quadro, Mikhail Gorbachev, último secretário-geral da União

² As repúblicas que compunham a URSS em 1922 eram: a República Socialista Federativa Soviética Russa, a República Socialista Soviética da Ucrânia, a República Socialista Soviética da Bielorrússia e a República Socialista Federativa Soviética Transcaucasiana (composta por Armênia, Azerbaijão e Geórgia).

“OLÁ, LENIN!”: APLICANDO O CONCEITO DE IMPERIALISMO À GUERRA NA UCRÂNIA

Soviética, procurou realizar reformas domésticas a fim de dinamizar a economia do Estado³.

Tais medidas, no entanto, acabaram acelerando/provocando a desintegração da URSS, ao desestabilizarem a economia planificada que já vinha operando há décadas e por desencadear sentimentos nacionalistas e anticomunistas nas repúblicas soviéticas, com especial destaque para a Ucrânia. Quando enfim a União Soviética se dissolveu em 1991, a Ordem Mundial havia deixado de ser bipolar para se transformar numa Ordem global hegemônica, imperial, liderada de forma incontestada pelos Estados Unidos da América⁴. A partir de então, a Ucrânia se transformou num verdadeiro palco de disputa entre o Ocidente e a Rússia, devido à sua posição geográfica estratégica e presença de recursos naturais.

Tão logo se tornou independente em 1991, a Ucrânia deu lugar a movimentos nacionalistas que ansiavam por um maior afastamento político de Moscou. Ao mesmo tempo, a intensa entrada de capital estrangeiro no país e a operação de ONGs “pró-democracia” financiadas pelo Ocidente (em especial pelos Estados Unidos da América) geraram uma grande pressão política sobre a elite governante em Kiev, que passou a ansiar pela entrada da Ucrânia na **União Europeia (UE)** e na OTAN, um dos principais fatores por trás da guerra contra a Rússia iniciada em 2022.

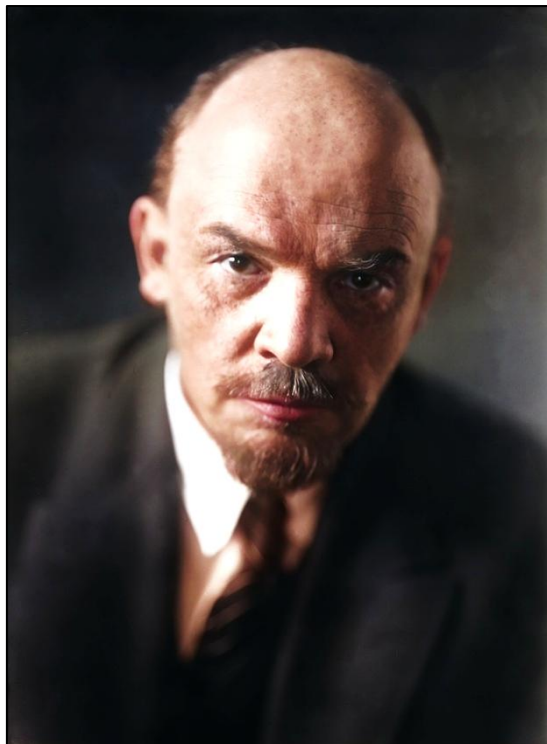
‘Guerras imperialistas’: A violência como catalisadora do capitalismo monopolístico

Em seus escritos, Vladimir Lenin, principal ideólogo da Revolução Russa, oferece uma análise aprofundada do capitalismo e de seu processo de acumulação monopolista, culminando no ‘Imperialismo’ como sendo sua fase superior (LENIN, 2011). Segundo Lenin, o capitalismo monopolista era o principal responsável pela eclosão das guerras imperialistas. Isso porque as potências capitalistas centrais veem na guerra a oportunidade de ampliar os mercados para seus produtos excedentes, bem como os lucros do setor financeiro e de indústrias específicas. Logo, as guerras entre potências capitalistas, embora muitas vezes apresentadas como conflitos nacionais, são na realidade “guerras de conquista, de pilhagem e de rapina” (LENIN, 2011, p.109) pela redivisão do mundo. A guerra imperialista é, em suma, uma expressão da “rivalidade de várias grandes potências nas suas aspirações à hegemonia” (LENIN, 2011, p.221).

³ Através da chamada *perestroika* (reestruturação) e *glasnost* (transparência), introduzindo elementos de mercado na economia soviética e promovendo certa liberalização política.

⁴ A China, por outro lado, foi capaz de manter intacto seu sistema político centrado no Partido Comunista, apesar da abertura econômica implementada desde o final da década de 1970 por Deng Xiaoping.

Figura 1 - Vladimir Lenin (1870-1924)



Fonte: Wikimedia Commons

As bases da interpretação de Lenin para explicar as guerras imperialistas podem ser resumidas através dos seguintes pontos:

I Concentração da produção e do capital na criação de monopólios: No começo do século XX, Lenin (2011, p.118) chamou a atenção para o “enorme desenvolvimento da indústria e o processo notavelmente rápido de concentração da produção, em empresas cada vez maiores”. Tal concentração conduziria diretamente a uma condição de monopólio, pois “para umas quantas dezenas de empresas gigantescas, é muito fácil chegarem a um acordo entre si” (LENIN, 2011, p.120). Monopólios, por sua vez, precisam aumentar seus mercados, a fim de continuarem lucrando pela venda de sua produção excedente, levando à competição e, em última instância, ao conflito com outros monopólios que almejam o mesmo⁵. A concorrência, então, se transforma em uma luta pela asfixia de seu oponente e, no limite, em sua “dinamitagem” (LENIN, 2011, p.135) pura e simples.

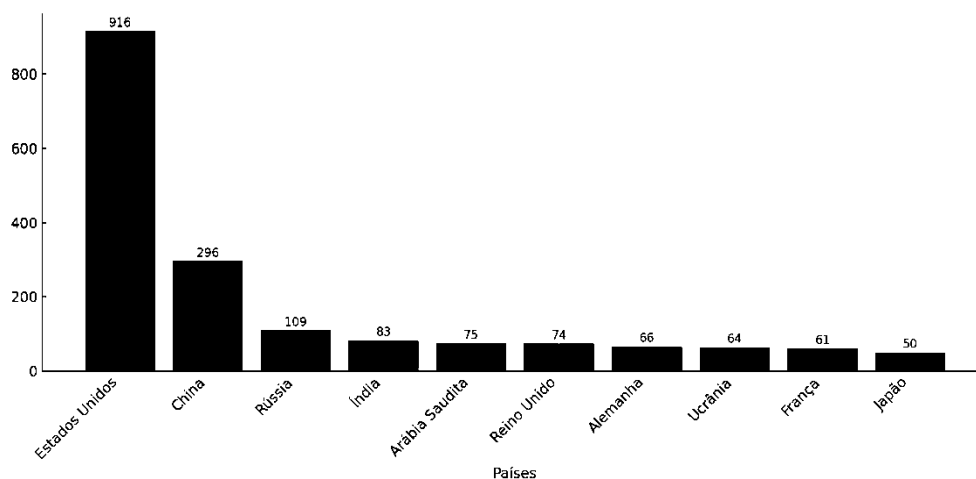
II A busca por superlucros: A essência parasitária do Imperialismo manifesta-se pela obtenção de “lucros monopolistas elevados para um punhado de países muito ricos” (LENIN, 2011, p.238). Desse modo, a defesa e a expansão dessas fontes de lucro exigem um aparato militar correspondente, capaz de sustentar esforços de guerra que visem à obtenção de vantagens econômicas

⁵ O capitalismo não se desenvolve de forma homogênea; algumas nações e monopólios crescem mais rapidamente que outros, levando a uma mudança na “correlação de forças”, que deve ser resolvida por meio da força.

“OLÁ, LENIN!”: APLICANDO O CONCEITO DE IMPERIALISMO À GUERRA NA UCRÂNIA

permanentes. Não sem razão, em 2023 os gastos com Defesa dos Estados Unidos (US\$ 916 bilhões) superaram o gasto total combinado de China, Rússia, Índia, Arábia Saudita, Reino Unido, Alemanha, Ucrânia, França e Japão (US\$ 878 bilhões) (STATISTA, 2023).

Gráfico 1 - Países com maiores gastos militares no mundo em 2023 (US\$ bilhões).



Fonte: Statista (2023)

Vejamos agora como essas duas questões se relacionam com o contexto por trás da guerra na Ucrânia, em especial analisando o papel do CMI norte-americano dentro do processo de ampliação da OTAN no período pós-Guerra Fria e o aumento da participação estadunidense no mercado energético europeu durante os últimos anos.

‘Expandir para dominar’: A ampliação da OTAN e o papel do CMI norte-americano

A OTAN, originalmente estabelecida em 1949 para se opor à União Soviética, foi reconfigurada pelos governantes americanos no começo dos anos 1990. Sua missão fora modificada de uma aliança antissoviética para uma extensão da busca dos Estados Unidos pela dominação global, com o objetivo de prevenir o surgimento de qualquer Estado ou grupo de Estados capaz de desafiar sua posição de poder (KOTZ, 2022). No início dos anos 2000, vale lembrar, apesar de o presidente Putin ter sugerido a adesão da Rússia à OTAN em conversas particulares com Bill Clinton, tal sugestão foi rechaçada pelos americanos, temerosos de perder influência dentro da Aliança Atlântica (PUTIN, 2017). Logo, restou demonstrado que a OTAN assumiu no período pós-Guerra um caráter propriamente anti-Russo, buscando absorver o máximo possível de ex-repúblicas da URSS para cercar as fronteiras russas. Afinal, a Aliança Atlântica, que em 1999 contava com 16 membros, hoje conta com 32 países⁶. A

⁶ Durante as ondas de expansão da OTAN no pós-Guerra Fria, se juntaram à Aliança: Hungria, República Checa, Polônia (1999), Estônia, Letônia, Lituânia, Romênia, Bulgária, Eslováquia,

“OLÁ, LENIN!”: APLICANDO O CONCEITO DE IMPERIALISMO À GUERRA NA UCRÂNIA

Ucrânia, por sua vez, devido à sua grande população, base industrial e extenso território, era vista pela OTAN como o “grande prêmio” a ser adquirido pela Aliança (KOTZ, 2022). Para além disso, a expansão da OTAN para o leste europeu ao longo dos anos 2000 criou uma oportunidade única para o CMI estadunidense, que consolidou sua liderança no mercado armamentista global.

Esse aumento do bloco militar ocidental exigiu, por sua vez, profundas reformas institucionais e modernização das forças armadas dos países entrantes. Na prática, os novos membros serviam como ‘mercados adicionais’ para as armas e equipamentos produzidos por empresas estadunidenses, em especial diante do comprometimento formal firmado pelos membros da OTAN de gastarem pelo menos 2% de seu PIB em defesa. Tal situação, aliada à insistente e repetitiva propaganda ocidental acerca da suposta “ameaça russa” à Europa, resultou numa série de contratos governamentais para a indústria armamentista norte-americana, capitaneada por empresas como Lockheed Martin, Raytheon, Boeing, Northrop Grumman e General Dynamics⁷, responsáveis por produzir equipamentos de alta tecnologia como caças F-35, sistemas *Patriot* e foguetes de precisão do tipo HIMARS.

Em meio a esse quadro, podemos notar claramente as vantagens econômicas atreladas à expansão da OTAN para o leste e seu assédio à Ucrânia para fazer parte da Aliança Atlântica. Com efeito, embora a Ucrânia mantivesse uma política de neutralidade entre a Rússia e o Ocidente desde 1992, os Estados Unidos incentivaram a adesão de Kiev à OTAN em 2008, durante a Conferência de Bucareste e, em especial, após a revolta do Euromaidan em 2014, quando o parlamento ucraniano votou por abandonar a neutralidade antes observada pelo país (KOTZ, 2022). Por outro lado, as propostas da Rússia elaboradas em dezembro de 2021 a fim de evitar uma crise militar mais aguda com o Ocidente, que incluíam a inadmissibilidade da entrada da Ucrânia na OTAN, a proibição da alocação de armas ofensivas da Aliança Atlântica perto das fronteiras russas e uma moratória na expansão do bloco (МИНИСТЕРСТВО ИНОСТРАННЫХ ДЕЛ РОССИЙСКОЙ ФЕДЕРАЦИИ, 2021), foram terminantemente rejeitadas pelos Estados Unidos, que se recusaram sequer a discuti-las⁸. Ignorada pelo Ocidente, a Rússia então decide invadir a Ucrânia em 2022, iniciando a chamada ‘Operação Militar Especial’, que logo se transformou numa verdadeira guerra ‘proxy’ entre Moscou e os países da OTAN em solo ucraniano.

Após o início da guerra, dados do **Stockholm International Peace Research Institute (SIPRI)** indicaram significativo aumento nas exportações armamentistas estadunidenses para a Europa, tornando-se o principal destino das exportações bélicas americanas, situação essa motivada pela intensificação das tensões com a Rússia; ainda segundo dados do SIPRI, após 2022, diversos países leste-europeus direcionaram de 30 % a 60 % de seus gastos militares com a compra de equipamentos bélicos fornecidos por empresas americanas (SIPRI, 2025). Esses números relevam dois fenômenos importantes: primeiro, a

Eslovênia (2004), Albânia e Croácia (2009), Montenegro (2017), Macedônia do Norte (2020) e Finlândia (2023) e Suécia (2024).

⁷ Responsáveis em 2020 por mais de 30 % das exportações globais de armamentos (STATISTA, 2023).

⁸ Por diversas vezes Putin e a elite russa afirmaram que a expansão da OTAN e a potencial presença de forças da Aliança ao longo das fronteiras do país ameaçam a segurança nacional do Estado.

“OLÁ, LENIN!”: APLICANDO O CONCEITO DE IMPERIALISMO À GUERRA NA UCRÂNIA

crescente transferência de recursos do pagador de impostos europeu diretamente para os balancetes de empresas americanas que compõem o CMI; segundo, a ampliação da dependência tecnológica e militar europeia para com os Estados Unidos. Como resultado, empresas como a Lockheed Martin obtiveram crescimento médio de receita de quase 20 % no segmento de defesa nos meses que se seguiram ao início do conflito; não obstante, companhias como Raytheon e Northrop Grumman também registraram aumentos de 15 - 17 % em seus contratos recentes com países-membros da OTAN (SIPRI, 2025).

Gráfico 2 - Histórico de preços das ações da Lockheed Martin, maior fabricante de armas dos Estados Unidos



Ora, grande parte dos novos contratos para fornecimento de equipamentos militares — como caças, sistemas do tipo HIMARS, baterias Patriot, drones e veículos blindados — foram firmados justamente com o governo da Ucrânia. Apesar das declarações em contrário feitas pelo presidente Donald Trump, a continuidade da guerra não é de interesse do capital norte-americano, uma vez que se mostra altamente lucrativa para aquelas corporações e empresas que fazem parte do CMI.

‘Dinamitando a concorrência’: A sabotagem do Nord Stream e a submissão da Europa

Desde o começo dos anos 2000, políticos em Washington alertavam seus aliados no ‘Velho Mundo’ sobre a suposta ameaça da “dependência europeia da energia russa”. A ideia era fazer com que as lideranças da UE buscassem diversificar o abastecimento de petróleo e gás natural importado pelo continente, através do desenvolvimento de novas fontes de energia e

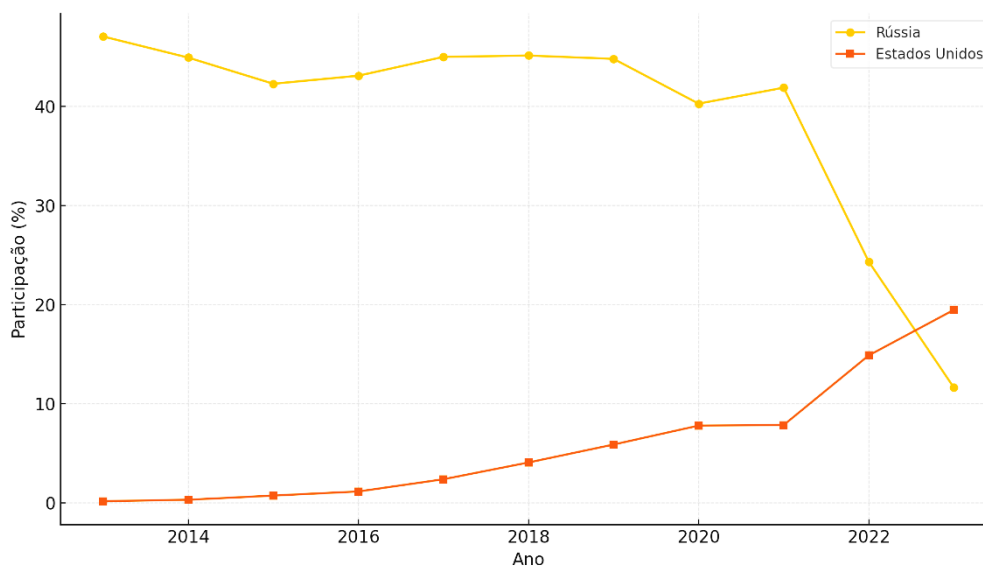
estabelecimento de parcerias com outros Estados ricos em recursos naturais (ВЫСШАЯ ШКОЛА ЭКОНОМИКИ, 2017; БАРСЕНКОВ & ВДОВИН, 2010). Com efeito, durante os anos 2000, cerca de 30% das importações de petróleo e 40% das importações de gás natural da UE originavam-se da Rússia (STATISTICAL REVIEW OF WORLD ENERGY, 2024). Parte dessa situação se deveu às boas relações entre Rússia e Alemanha no segmento energético, dada a complementaridade das duas economias. Não sem razão, ambos os governos acordaram a construção do gasoduto *Nord Stream* em 2012, que atravessa o Mar Báltico, com capacidade total de fornecimento na casa dos 55 bilhões de m³ de gás natural anualmente. Anos depois, a empresa russa Gazprom, em conjunto com um consórcio europeu, constrói um segundo gasoduto submarino ligando Rússia e Alemanha, o *Nord Stream 2*, que prometia dobrar a capacidade de fornecimento de gás à Europa.

Enquanto isso, os Estados Unidos mantinham-se de olho no mercado continental para a exportação de seu gás natural liquefeito (GNL). Ao longo dos anos 2000, os americanos passaram de importadores a líderes globais na produção de GNL, dado o avanço das tecnologias de fraturamento hidráulico e perfuração horizontal, fazendo com que sua produção de gás aumentasse drasticamente a partir de 2005. Em 2016, por fim, os Estados Unidos passaram a exportar GNL para os mercados globais, com vistas a aumentar sua presença especialmente na Europa, forte importador de energia no plano internacional. Pouco antes do início da guerra na Ucrânia em 2022, os americanos já eram um dos três maiores exportadores mundiais de GNL (STATISTICAL REVIEW OF WORLD ENERGY, 2024).

Restava agora apenas ‘dinamitar’ a concorrência russa para garantir uma posição privilegiada como fornecedor de energia ao mercado europeu. E a oportunidade veio justamente em setembro de 2022, quando forças diversionistas atuantes no Mar Báltico instalaram detonadores submarinos nos gasodutos *Nord Stream 1*, culminando em sua explosão. Segundo o jornalista americano Seymour Hersh, esse ato de sabotagem geopolítica, com características de terrorismo estatal, contou com o consentimento do governo norte-americano, com o intuito de eliminar a ‘conexão umbilical’ entre Rússia e Alemanha, e redirecionar a dependência energética do continente para si (RADIO FRANCE INTERNATIONALE, 2023; BEZERRA, 2023).

“OLÁ, LENIN!”: APLICANDO O CONCEITO DE IMPERIALISMO À GUERRA NA UCRÂNIA

Gráfico 3 – Participação percentual de Rússia e Estados Unidos no total das importações de gás efetuadas pela Europa (2013-2023)



Fonte: *Statistical Review of World Energy* (2024)

Entre 2013 e 2023, a participação da Rússia nas importações europeias de gás caiu drasticamente, passando de cerca de 47% para apenas 11%, enquanto os Estados Unidos ampliaram sua fatia de menos de 1% para quase 20%, evidenciando uma mudança estrutural no fornecimento europeu, especialmente após o início da guerra na Ucrânia. Paralelamente, a participação do GNL no total de gás importado pela Europa cresceu de 13% em 2013 para 38% em 2023, refletindo-se no aumento de vendas de GNL por via marítima de países como Estados Unidos e Catar. Afinal, entre 2021 e 2023, os Estados Unidos se consolidaram como o principal fornecedor de GNL para a Europa, impulsionado justamente pela ‘dinamitagem’ da concorrência russa, conforme apregoa a tese imperialista de Lenin. Resultado? Hoje, os Estados Unidos são responsáveis por mais de 45% do GNL importado pela Europa, refletindo a reconfiguração do cenário geopolítico e geoeconômico do ‘Velho Mundo’, em pleno atendimento aos interesses do capital norte-americano.

Conclusão

A guerra na Ucrânia revela de forma categórica a importância do conceito de Imperialismo para o entendimento de fenômenos contemporâneos da política mundial. Afinal, de acordo com Lenin, o capitalismo é um sistema que busca incessantemente a expansão de mercados e a superação de barreiras para o escoamento de produtos e serviços, nem que para isso seja necessário o uso da violência. Tais impulsos não podem ser dissociados dos processos que levaram à guerra na Ucrânia em 2022. Do ponto de vista marxista-leninista, a expansão da OTAN para o Leste Europeu no contexto pós-Guerra Fria reflete justamente os interesses do capitalismo norte-americano, em especial os representados pela indústria armamentista e de energia. Logo, o assédio ocidental sobre a Ucrânia no intuito de atrair esse país para a Aliança Atlântica

“OLÁ, LENIN!”: APLICANDO O CONCEITO DE IMPERIALISMO À GUERRA NA UCRÂNIA

não se trata apenas de um desafio geopolítico frontal à segurança da Rússia, mas também a transformação do espaço pós-soviético num “palco de guerra permanente” para a ampliação do capitalismo monopolista estadunidense.

A manutenção da guerra, por sua vez, atende diretamente aos anseios do CMI americano, através da proliferação de contratos de venda de armas a governos europeus, bem como pela valorização no preço das ações de suas principais empresas, sustentada por decisões políticas emanadas de Washington, e por uma crescente insistência na chamada ‘ameaça russa’ por parte da mídia ocidental. Em consequência, após o início da guerra na Ucrânia os Estados Unidos consolidaram ainda mais sua liderança industrial e política dentro da OTAN, subordinando o continente europeu aos desígnios da Casa Branca. Outro fator referente à guerra na Ucrânia que pode ser enquadrado no arcabouço da teoria imperialista de Lenin é a busca americana pela ampliação de suas exportações de gás natural liquefeito para a Europa, desbancando o papel da Rússia como principal fornecedora energética do continente.

De um lado, vimos o setor energético americano auferindo maiores posições no mercado europeu, em especial após a explosão do *Nord Stream*. De outro, testemunhamos a cada vez maior subordinação da Europa aos Estados Unidos da América, que passa a poder utilizar desse controle como instrumento de pressão política. Pelas razões apontadas nesse artigo é que a guerra na Ucrânia não pode ser entendida apenas como uma disputa geopolítica entre o Ocidente e a Rússia, mas sim como um evento que confirma a tese leninista sobre o *modus operandi* do capitalismo monopolista em sua fase superior, o Imperialismo. Em suma, se olharmos com bastante atenção para a realidade internacional contemporânea, chegaremos à conclusão de que, na verdade, Lenin nunca se despediu.

Referências

Em russo

ВЫСШАЯ ШКОЛА ЭКОНОМИКИ. **Новая Конфигурация Российских Экспортных Газопроводов в Европу**. Аналитические Обзоры от Института Энергетики НИУ ВШЭ. Институт энергетики НИУ ВШЭ: Москва, 2017. Disponível em: <https://energy.hse.ru/data/2017/04/13/1168161199/Gazoprovod.pdf> Acesso em: 10 jul. 2025.

БАРСЕНКОВ, Александр Сергеевич; ВДОВИН, Александр Иванович. **История России**. 1917–2009. Москва: Аспект Пресс, 2010, 846С. Disponível em: <https://allcossacks.ru/knigi/15.pdf> Acesso em: 20 jul. 2025.

МИНИСТЕРСТВО ИНОСТРАННЫХ ДЕЛ РОССИЙСКОЙ ФЕДЕРАЦИИ. **Договор между Российской Федерацией и Соединенными Штатами Америки о гарантиях безопасности**. Москва: 2021. Disponível em: https://mid.ru/ru/foreign_policy/rso/nato/1790818/ Acesso em: 20 jul. 2025.

Em português

**“OLÁ, LENIN!”: APLICANDO O CONCEITO DE IMPERIALISMO À GUERRA NA
UCRÂNIA**

BEZERRA, Valdir da Silva. **Nord Stream blasts a desperate maneuver that smacks of Anglo-Saxon geopolitics - expert**. TASS: 2023. Disponível em: <https://tass.com/world/1597911> Acesso em: 20 jul. 2025.

ENERGY INSTITUTE. **Statistical Review of World Energy 2024**. Disponível em: https://www.energyinst.org/_data/assets/pdf_file/0006/1542714/684_EI_Stat_Review_V16_DIGITAL.pdf Acesso em: 20 jul. 2025.

KOTZ, David M. **Imperialism and the Ukraine War**. United States: 2022. Disponível em: <https://www.aeaweb.org/conference/2023/program/paper/7aFaZK89> Acesso em: 15 fev. 2025.

LENIN, Vladimir. **O Estado e a Revolução**. Obras Escolhidas de V.I. Lenine. Lisboa: Editora Avante, 1977. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/lenin/1917/08/estado-e-a-revolucao.pdf> Acesso em: 20 dez. 2024.

LENIN, Vladimir. **O Imperialismo: Fase Superior do Capitalismo**. São Paulo: Centauro, 2003.

MACROTRENDS. **Lockheed Martin - 48 Year Stock Price History | LMT**. United States: 2025. Disponível em: <https://www.macrotrends.net/stocks/charts/LMT/lockheed-martin/stock-price-history> Acesso em: 10 jul. 2025.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Penguin Classics / Companhia das Letras, 2012.

MARX, Karl. **Capital**. In: Karl Marx: Selected Writings. Oxford: 1977.

PUTIN, Vladimir. In: STONE, Oliver. **As Entrevistas de Putin: As Conversas que Deram Origem ao Documentário**. Brasil: Editora BestSeller, 2017. Trad. Carlos Szlak

RADIO FRANCE INTERNATIONALE. **American journalist accuses US Navy of Nord Stream pipeline attack**. Paris: 2023. Disponível em: <https://www.rfi.fr/en/international/20230211-american-journalist-accuses-us-navy-of-nord-stream-pipeline-attack> Acesso em: 21 jul. 2025.

SIPRI. **SIPRI Yearbook: Armaments, Disarmament and International Security**. Sweden: 2025. Disponível em: <https://www.sipri.org/yearbook/2025> Acesso em: 10 jul. 2025.

STATISTA. **Principais empresas de produção de armas e serviços militares em todo o mundo em 2020, com base nas vendas de armas**. Estados Unidos:

**“OLÁ, LENIN!”: APLICANDO O CONCEITO DE IMPERIALISMO À GUERRA NA
UCRÂNIA**

2025. Disponível em: <https://www.statista.com/statistics/718494/leading-amrs-producing-companies-worldwide-by-sales/> Acesso em: 10 jul. 2025.

STATISTA. **Países com maiores gastos militares no mundo em 2023.** Estados Unidos: 2025. Disponível em: <https://www.statista.com/statistics/262742/countries-with-the-highest-military-spending/> Acesso em: 10 jul. 2025.

THE OBSERVATORY OF ECONOMIC COMPLEXITY. Center for Collective Learning. United States: s/d. Disponível em: <https://oec.world/en> Acesso em: 10 jul. 2025.

*Recebido em: 29/07/2025
Aprovado em: 13/02/2026
Publicado em: 16/02/2026*